

Conversas reguladas – Observações em uma mostra de artes visuais

Dorcas Weber

Em setembro de 2007, foi aberta em Porto Alegre, RS a 6ª Bienal do Mercosul, edição que a comissão organizadora denominou Bienal Pedagógica. Partindo desse discurso, busco neste texto abordar alguns ensinamentos desenvolvidos a partir de uma visita mediada a escolares, em uma das mostras que compunham essa edição da Bienal, como, por exemplo, o comportamento em uma exposição de arte. Procuro apontar também ações de regulamento que permeiam as ações pedagógicas na referida mostra. Bienal do Mercosul, ações de regulamento, pedagogias culturais.

A cada dois anos acontece em Porto Alegre, RS a Bienal de Artes Visuais do Mercosul. No período de primeiro de setembro a 18 de novembro de 2007 ocorreu sua sexta edição, denominada Bienal Pedagógica e qualificada como uma bienal para a educação. Essa denominação parece ter sido pensada por terem os escolares, nas edições anteriores dessa mostra, composto o maior público visitante e que, nesse sentido, vem também sendo considerado o mais importante pela diretoria da Fundação Bienal do Mercosul, de acordo com Justo Werlang.¹ Tal ocorrência teria sido assim determinante para que a 6ª Bienal do Mercosul passasse a focalizar suas ações e a colocar em destaque o que seus promotores consideram ser sua programação pedagógica.

1 Justo Werlang, empresário, colecionador e atual presidente da Fundação Bienal do Mercosul.

Proponho-me, neste texto, a levantar algumas considerações sobre tal proposta, buscando apontar algumas ações que ocorrem nas visitas de escolares à mostra Conversas,² uma das seis que integram essa edição da Bienal. Para desenvolver essa análise, vali-me do *folder*³ de apresentação do Projeto Pedagógico da 6ª Bienal do Mercosul e de alguns dados levantados durante o acompanhamento das visitas.

2 Mostra Conversas. Disponível em www.bienalmercosul.art.br Acesso em 30 out 2007.

3 *Projeto Pedagógico*: 6ª Bienal do Mercosul de 01/09 a 18/2007. S/D (folder) Ver anexo 1.

Agendamento

A etapa que precede a realização da visita de escolares à 6ª Bienal do Mercosul inclui, como se destaca no *folder* que apresenta seu Projeto Pedagógico, o agendamento feito por telefone, de “segunda a sexta-feira das 9h às 19h”. Ressalto que tal agendamento pôde ser efetivado a partir de 13 de agosto de 2007, portanto, antes da abertura das mostras.

Como público esperado foram definidos “estudantes a partir da educação infantil, professores, ONGs, grupos de terceira idade, grupos cooperativos, instituições, projetos socioeducativos, associações, cooperativas, etc.” Tal como definido no *folder*, os participantes

sempre fariam a visita em grupos, sendo cada 24 pessoas acompanhadas por um responsável e, designado pela organização do evento, um mediador que estaria disponível para instigar o visitante a refletir sobre as obras ali expostas.

Essas visitas em grupos poderiam ocorrer de segunda a sábado, no horário das 9h às 19h30, podendo entrar novo grupo a cada meia hora. O tempo de duração previsto para cada visita seria de uma hora e 20 minutos, obedecendo a roteiro previamente definido. Nos casos de atrasos, foi prevista a redução do tempo da visita, a fim de se evitarem interferências nos agendamentos subsequentes.

Cabe registrar que a Bienal disponibilizou para os grupos de estudantes das escolas públicas situadas em Porto Alegre e na grande Porto Alegre um ônibus gratuito de segunda a sexta-feira, facilitando, desse modo, seu comparecimento à exposição; aos sábados, esse oferecimento foi também estendido a ONGs, associações, projetos socioeducativos e grupos especiais, cujas especialidades não se encontram especificadas no *folder*.

Sugeria-se que, para facilitar o agendamento, o responsável pelo grupo interessado na visita entrasse em contato com os organizadores da Bienal a fim de conhecer previamente os espaços integrantes da amostra e selecionar um dos roteiros disponibilizados.

Saliento que esses roteiros foram elaborados a partir das mostras que compuseram a 6ª Bienal do Mercosul e apresentados aos/às professores/as na semana que antecedeu a abertura oficial da mostra, tendo sido permitida a abertura dos espaços expositivos exclusivamente para esse fim. Os roteiros encontram-se no *site* oficial da mostra. São eles:

Roteiro 1 – Mostra monográfica Jorge Macchi – localizada no espaço do Santander Cultural.

Roteiro 2 – Mostra monográfica Francisco Matto e Mostra monográfica Öyvind Falström – localizadas no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malgoli – Margs.

Roteiro 3 – Mostra Conversas – localizada nos armazéns A3 e A4 do Cais do Porto.

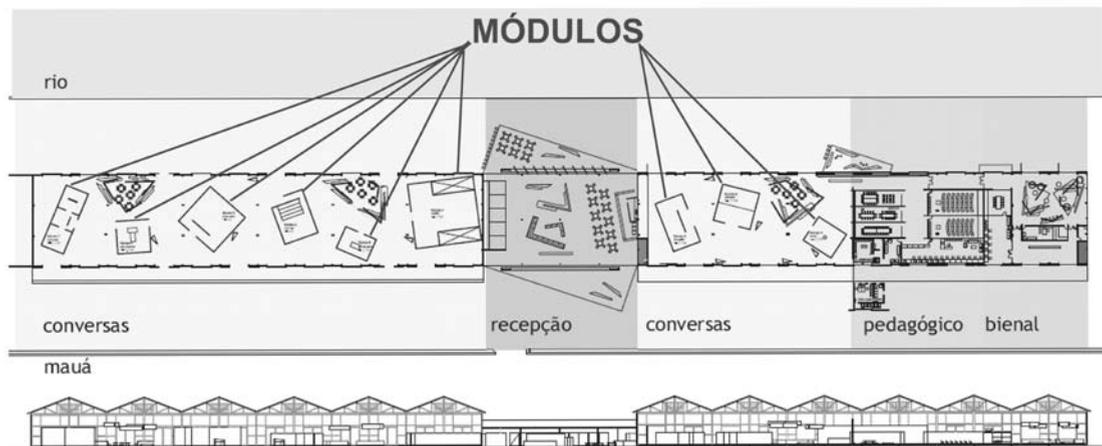
Roteiro 4 – Mostra Zona Franca – localizada nos armazéns A5 e A6 do Cais do Porto.

Roteiro 5 – Mostra Três Fronteiras – localizada nos armazéns A7 do Cais do Porto.

Para realizar o agendamento das visitas o responsável necessitaria ter em mãos os “dados da escola ou instituição que representava: nome, endereço, telefone, fax, e-mail; e os nomes e dados dos responsáveis por cada grupo”. Feito o contato telefônico, a escola ou instituição receberia “ficha de confirmação de agendamento, que deveria ser preenchida e retornada à Central de Agendamento da Bienal, via fax. Em caso de não retorno até 72h antes da visita, a reserva seria cancelada”, como informa o *folder*.

Roteiro 3

Conversas é o título da mostra referente ao Roteiro 3, situada nos armazéns A3 e A4 do Cais do Porto. Segundo o *folder*:



Planta baixa dos armazéns A1 e A2. Fonte: www.hagah.com.br

Conversas é uma exposição em que a estrutura é a própria metodologia geradora. A mostra apresenta um novo modelo para falar das interações artísticas e culturais entre o Mercosul e o mundo. Consiste em uma exposição em que oito artistas do Mercosul são convidados a escolher dois outros artistas, a curadoria acrescenta mais um, formando uma rede de conexões artísticas que traçam e retratam os diálogos gerados entre as obras de arte. A exposição consiste em 36 obras, organizadas em nove módulos, com quatro obras cada”.

4 “Medium-density fiberboard é um material derivado de madeira e é internacionalmente conhecido por MDF. Em português a designação correta é placa de fibra de madeira de média densidade.” Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Medium_Density_Fiberboard Acesso em 05 nov 2007.

5 Programa Curso Mediadores [documento eletrônico]. Documento recebido por dorcasjweber@gmail.com em 31 maio 2007.

Os mediadores são profissionais especificamente formados pela Bienal do Mercosul, para atuar junto ao projeto educativo no atendimento e apoio aos diversos públicos visitantes da Bienal. Conforme consta em documento eletrônico recebido da equipe do projeto pedagógico da bienal, “o mediador é figura imprescindível; é ele o interlocutor entre o contexto da bienal (curadoria, artistas, obras, espaços, contextualização histórica, etc.) e o grande público. Sua atuação não se resume apenas a dar informações ou explicar as obras, mas, principalmente, a fomentar uma

Passo a descrever mais detalhadamente os nove módulos referidos no *folder*, indicando, inicialmente, que esses são espaços fechados localizados dentro de antigos armazéns para estocagem de cargas no porto de Porto Alegre, RS, como se fossem cômodos, feitos de material semelhante ao aglomerado de madeira – MDF.⁴ Para melhor apresentar o espaço expositivo da mostra Conversas, incluo a planta baixa dos chamados armazéns A3 e A4 e imagens fotográficas desse espaço.

Depois das perguntas de praxe – Qual a série que cursam? Qual é a idade de vocês? Já fizeram alguma visita a esta edição da Bienal? E nas edições anteriores? O que vocês esperam encontrar na Bienal? – o mediador⁵ a, também, fala introdutória descrevendo a mostra e apresentando o roteiro da visita que fariam. E acrescentam algumas considerações acerca dos cuidados que o grupo deveria ter ao visitar a bienal: não é permitido comer, beber, ou mascar chiclete durante a visita nem entrar sem camisa ou desconcentrar o grupo. Poderiam, no entanto, conversar entre si, fazer perguntas e tirar fotos.

Em seguida o mediador conduziu o grupo aos núcleos, onde fez alguns questionamentos e comentários, referentes à autoria das obras mostradas neste núcleo, e relações entre elas.

Durante essa visita acompanhada, pude perceber que nem todas as obras dos núcleos foram observadas e que nem todos os núcleos foram visitados. E isso ocorreu, ora por estarem alguns núcleos sendo visitados, pois vários grupos faziam o mesmo roteiro, ocupando os espaços e impedindo, de certa forma, a visita dos demais, pois cada em cada núcleo só poderia entrar um grupo de cada vez.⁶ Nessa visita, apenas cinco dos nove módulos foram visitados, cujas obras, no entanto foram observadas com igual intensidade.

Finalizada a visita mediada, o grupo foi encaminhado a um oficinairo,⁷ encarregado de desenvolver com os visitantes uma atividade, que será relatada adiante, planejada para aquele roteiro. Vale lembrar, porém, que o oficinairo não acompanhara o grupo ao longo da visita e não tinha conhecimento das obras observadas pelo grupo, fato que conforme fala da mediadora da visita, poderia ser prejudicial à compreensão dos visitantes, pois as oficinas eram elaboradas a partir de uma obra ou núcleo, que em alguns casos, não correspondiam às obras enfocadas pelo mediador.

A partir desse momento, apesar de permanecer com o grupo, o mediador não fez interferências nas falas do oficinairo que, por sua vez, conduziu o grupo à parte externa⁸ do Cais do Porto, em frente ao rio Guaíba, onde questionou os alunos: Vocês já haviam vindo à Bienal alguma vez? O que acharam? O que lhes chamou atenção? Que obra? Lembram do nome do artista?

A maioria dos alunos não respondeu; apenas alguns mencionaram elementos que compunham obras, como “os fios”, referindo-se à de Waltercio Caldas, “o avião no prédio”, à de Osvaldo Salerno.

O oficinairo iniciou a atividade dividindo o grupo em dois e solicitando que os/as participantes se dispusessem em dois círculos. Um integrante de cada grupo recebeu então, um rolo de cordão para passar adiante, devendo, ao mesmo tempo iniciar uma história com apenas duas ou três palavras – ele deveria passar o rolo de cordão ao integrante do outro grupo que estivesse posicionado à sua frente, mantendo para si a ponta do fio. O novo receptor do rolo deveria repetir as palavras que iniciaram a história e inserir mais duas ou três, para continuá-la, e assim deveriam proceder, sucessivamente, todos os integrantes do grupo. Ao final da história, a “teia” criada com o cordão foi então colocada no chão, e o oficinairo solicitou que todos observassem a imagem criada com o cordão. Questionou-os, então, sobre a possibilidade de terem visto entre as obras visitadas uma imagem semelhante à que haviam formado. Ao finalizar a atividade, ele lembrou aos escolares que haviam visitado a mostra intitulada Conversas e que, em sua atividade na oficina, teriam criado uma imagem e uma história a partir de conversas estabelecidas entre eles.

Conversas reguladas

Ao acompanhar a visita desse grupo, ouvi um comentário de uma professora⁹ que me intrigou e me fez refletir. Naquele momento, a professora justificava ter gostado da forma

reflexão a partir do que se vivencia durante a visita.” (Bienal do Mercosul, documento eletrônico recebido em 31 maio 2007).

Para tal função foram selecionados estudantes universitários a partir do terceiro semestre de qualquer curso, que receberam treinamento durante os cinco meses anteriores à abertura da mostra. Entre os conteúdos trabalhados nesse período podemos destacar arte contemporânea e latina, expressão corporal e vocal, museografia, além de vivências (observações) em escolas públicas de Porto Alegre, quando tiveram contato com os alunos de ensino fundamental. Com relação à formação de equipes de mediadores a Bienal se autodefine miniversidade, entendendo-se apta a criar plano de estudos capaz de ir além do fornecimento de informações acerca de obras e história.

6 A entrada de apenas pequenos grupos, procedia-se independente da idade dos visitantes, pois quando acompanhei um grupo de 65 professores de arte, integrantes do grupo Arte na Escola (Arte na Escola é instituto que tem por “missão incentivar e qualificar o ensino da arte e como premissa que a arte, enquanto objeto do saber, desenvolve no aluno habilidade perceptiva, capacidade reflexiva e formação de consciência crítica, não se limitando à auto-expressão e à criatividade”. Disponível em www.artenaescola.org.br acesso em 27 nov 2007), e foram divididos em grupos de 20 para entrar nos núcleos; é importante frisar que seguranças posicionadas nas entradas dos núcleos, controlavam esse procedimento.

7 Oficinairo é um profissional do projeto educativo, responsável pela elaboração e desenvolvimento das oficinas oferecidas aos grupos de visitantes que realizavam o agendamento para visitação. Os oficinairos participaram da seleção para atuar como mediadores, no entanto, devido à experiência que na maioria dos casos estava ligada às edições anteriores da bienal, foram designados para essa função.

8 A parte externa do Cais do Porto fica diante do rio Guaíba, considerado espaço de convívios na 6ª Bienal do Mercosul. As oficinas podem ocorrer no espaço específico de oficinas ou nesse espaço externo, dando-se a opção pelo local em função do clima, de o espaço de oficina estar vago (existem três oficinas para todas as mostras do Cais do Porto), ou ainda da escolha do oficinairo, de acordo com a atividade a ser proposta.

9 Arte-educadora, atuante em escola particular de Porto Alegre, RS. Na visita relatada, ela acompanhava uma turma de quarta série do ensino fundamental.



Visita de grupos de estudantes em 19/03/07 (imagens dos módulos que compunham a mostra *Conversas*. Fonte: www.bienaldomercosul.art.br)

10 Alvarez-Uria, Fernando. *Microfísica da Escola. Educação & Realidade*. Porto Alegre. 21 (2), jul./dez. 1996, p. 36.

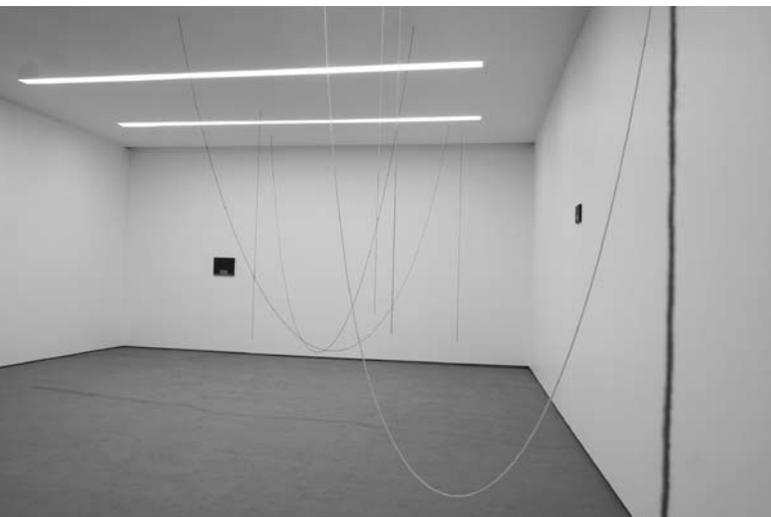


como a mostra havia sido montada, pois os núcleos, organizados em módulos fechados com apenas uma entrada, a auxiliavam a controlar melhor os/as alunos sob sua responsabilidade. A observação da professora destaca alguns controles que permearam as visitas às mostras da 6ª Bienal do Mercosul. Vale considerar, então, a discussão de Álvarez-Uría,¹⁰ apontando que “as formas e os lugares de governo de uns homens sobre outros são múltiplas: às vezes se sobrepõem, outras se anulam, em muitos casos se reforçam, dando lugar a redes e estratégias sociais”.

No caso referido, a professora colocava-se na posição de quem vigia os alunos que levava a visitar a Bienal, ou seja, ela se preocupava bem mais com o controle dos/as estudantes do que com a visita propriamente dita, a ponto de ter permanecido grande parte do tempo junto à entrada dos núcleos observando o comportamento de seus(suas) alunos(as) e recomendando que se mantivessem junto ao grupo e prestassem atenção às proposições do mediador.

É importante ressaltar que tanto a instituição visitada estabelecia alguns comportamentos como “padrões” quanto a professora esperava que seus/suas alunos/as assumissem determinados padrões de comportamento, correspondentes a algumas normas sociais definidas como normas de convivência. A observância a tais normas configura-se como atribuição de algumas instituições sociais, ocupando a escola lugar de destaque entre elas, quando se refere à função de enquadramento dos jovens configurados como “normais”.

Cabe assim à escola e seus/suas professores/as cobrar o cumprimento dessas regras e, ao mesmo tempo, providenciar sanções para quem não as considere. Na situação que relatei, a professora assumiu tal incumbência de forma até bastante tranquila, tanto que destacou a disposição da mostra e não a qualidade estética das obras lá expostas. Outras normas específicas a respeito de como se deve agir numa exposição de artes visuais estão reunidas na orientação do mediador ao recepcionar os escolares: “não comer, beber, mascar chiclete, não correr, bem como não entrar sem camisa, podendo, no entanto,



perguntar e fotografar”, além de ser desejável para observar melhor as obras manter-se em silêncio e delas um pouco distanciado.

É importante ressaltar que essas normas e comportamentos não são ações específicas dessa mostra ou dessa bienal; museus e outras instituições culturais, como fundações e institutos, também delas fazem uso. Em alguns casos, são elaborados *folders* ou folhetos para orientar professores, como é o caso da Secretaria de Estado da Cultura do Distrito Federal, DF, que desenvolveu um folheto intitulado “Visitado museus: dicas para professores”, em que estão relacionados 10 itens básicos a respeito do assunto.

Ao atentarmos para o fato de que algumas ações de regulação praticadas na visita relatada foram pensadas pelos organizadores Bienal do Mercosul, definida nessa edição como Bienal Pedagógica, pode-se dizer que eles buscaram marcar a existência de um modo ‘correto’ de proceder quando se visita uma exposição de arte; e, também, que se esperou que o público escolar, para quem haviam sido planejadas tais ações, ‘aprendesse’ ali como se comportar nesse tipo de situação. Pode-se pensar que se buscou disciplinar seus corpos de uma determinada forma e, ao mesmo tempo, disciplinar a percepção artística desses sujeitos, intenção que ficou bastante bem externada na atividade realizada com o oficinairo.

Conforme Alvarez-Uria, “a disciplina implica uma vigilância hierárquica e uma sanção normalizadoras ininterruptas que afetam mais os processos de atividade do que a seus resultados. A codificação e controle do espaço, do tempo, das atividades, asseguram o submetimento constante dos sujeitos”,¹¹ o que reafirma o entendimento acerca da posição da Bienal frente a ações reguladoras relacionadas aos visitantes. Por sua vez, a instituição Bienal do Mercosul, que a cada dois anos propõe a exposição e que por algum momento

Foto da obra de Waltercio Caldas, intitulada *O ar mais próximo*. Fonte: www.bienaldomercosul.art.br

Foto da obra de Osvaldo Salemo, intitulada *As torres gêmeas*. Fonte: www.bienaldomercosul.art.br

11 Idem.

exerce suas ações de controle, também se submete a regras definidas por seus patrocinadores, sendo exemplo bem rasteiro a inclusão do nome e logomarca da principal empresa patrocinadora em todos os materiais produzidos pela instituição, como no *folder* utilizado para esta análise.

Cabe indicar que o próprio *folder*, com suas explicitações e definições, configura-se como uma forma ou estratégia para produzir enquadramentos: ele define, por exemplo, as condições de acesso à exposição, bem como privilegia alguns visitantes, ao indicar o fornecimento de meios para seu deslocamento até a mostra, por exemplo. Além disso, informa quais são as ações consideradas pedagógicas, uma sendo a que orienta a visita de forma 'correta', também sugerida nos roteiros. O *folder*, bem como outros materiais de divulgação distribuídos na Bienal, também aponta os tempos e espaços mais convenientes para visita; a visita mediada, aliás, é forma de operar na definição do que merece ou não ser visto e destacado.

Ao promover a seleção das obras, bem como ao criar os roteiros, a instituição pauta-se por critérios que lhe permitam selecionar o que é ou não artístico; e, mais, ela também define qual é a arte que merece naquele momento ser apreciada. No caso da escolha do roteiro 3 – Conversas –, 36 obras estavam disponíveis, mesmo que na visita acompanhada nem todas fossem destacadas e indicadas à observação.

Minha experiência no campo artístico permite-me dizer que, realmente, durante uma visita mediada seria difícil dar muita atenção a todas as obras que compõem a mostra no tempo de 80 minutos estabelecido para cada grupo. Nesse caso, seria interessante questionar-se acerca de quem determina a escolha das obras e o tempo que deve ser atribuído a sua observação. No caso da visita que acompanhei, dos nove núcleos que compõem a mostra apenas cinco foram visitados, e nem todas as suas obras foram observadas e comentadas. Dessa forma, pode-se pensar que o visitante torna-se muitas vezes passivo frente às obras, sendo levado a admirar apenas o que é possível, não se oferecendo opção de escolha para deter-se no que lhe desperta mais atenção ou interesse.

Com relação ao tempo estipulado para a visita dos grupos, esse também pode ser visto como uma forma de exercer controle sobre o mediador: "o tempo medido e pago deve ser também um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício".¹²

12 Foucault, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhe. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p 129.

Os sujeitos que atuaram como mediadores na Bienal dispunham de determinado tempo para atender aos grupos de pessoas, e, conforme indicado no *folder*, em caso de atraso, esse seria descontado, para que não houvesse interferência na visita posterior. Essa pode ser uma forma de exercer controle sobre o trabalho executado, principalmente se considerarmos a questão da produção do mediador, medida a partir do número total de frequentadores da Bienal.

Como se pode ver a partir destes meus comentários bastante introdutórios, ações de vigilância se processam também em uma atividade comumente considerada apenas de formação cultural. Na direção que busquei imprimir à análise, seria possível entender a Bienal do Mercosul como local em que se trama uma “rede de poderes, que captura, divide, classifica”¹³ os saberes e os sujeitos que nela estão envolvidos, tal como destaca Veiga-Neto, ao discutir os processos de formação do sujeito.

13 Veiga-Neto, Alfredo. *Foucault & Educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 65.

Nesse sentido, a organização de uma mostra como a Bienal pode ser analisada a partir de aspectos como vigilância e controle, na medida em que: 1) captura os responsáveis pelas instituições que procuram a exposição, com seus elementos disponíveis, tais como, formação, materiais, visita mediada e transporte gratuitos; 2) divide em grupos e em espaços; e 3) classifica-os por instituições, por faixa etária.

É importante também apontar o pensamento de Varela,¹⁴ quando destaca a relação do controle de conhecimento com a maturação mental, levantando o fato de que “os saberes que são objeto de transmissão nas instituições educacionais sejam sacrificados em favor das destrezas cognitivas”. Da mesma forma, os mediadores questionam os escolares acerca de sua idade e de onde vêm no intuito de saber como lidar e se comunicar com esse público específico – lembro que ‘tipos de público’ foi um dos temas enfocados no curso de formação de mediadores, sendo essa mais uma das ações de controle exercidas pela Bienal do Mercosul.

14 Varela, Julia. O estatuto do saber pedagógico. In Silva, Tomaz T. da (org.). *O sujeito da educação – estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 94.

Dessa forma, torna-se instigante pensar na posição dos sujeitos nas ações previstas e possíveis junto à visita mediada na mostra Conversas, bem como nas ações de controle e autocontrole nelas exercidas. É importante destacar, também, que esse é apenas um recorte nas ações desenvolvidas pela Fundação Bienal do Mercosul em suas exposições bineais. Sendo assim, outras mostras podem ser efetivadas abordando outras mostras, outras questões e ações.

Dorcas Weber é graduada em Artes Visuais pela UFU, especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela UnB, especialista em Arte e Educação Física, mestranda em Educação – Estudos Culturais na Ulbra. Tendo experiência em ação educativa em museus, e no ensino de arte no espaço escolar, atualmente desenvolve materiais didáticos para EAD.